

122

## Contribuição para o estudo dos instrumentos musicais dos indígenas de Moçambique — O *pango* ou *panco*

por NORBERTO DOS SANTOS JÚNIOR

O *panco* ou *pango* <sup>(1)</sup> é um instrumento musical de corda, ou cordofone <sup>(2)</sup>: vimo-lo algumas vezes nas mãos dos indígenas de Moçambique, que o tocavam com grande aprazimento e certa virtuosidade.

Nas duas últimas campanhas da Missão Antropológica de Moçambique adquirimos dois destes instrumentos.

O primeiro (fig. 1), em Julho de 1948, no Alto Molocué <sup>(3)</sup>, durante a 5.ª cam-

panha da Missão Antropológica de Moçambique, a um homem da tribo cherima <sup>(4)</sup>.

O *pango* reproduzido na fig. 2 compramo-lo no regulado Bene em Setembro de 1955, durante a 6.ª campanha da referida Missão. Não encontramos nos nossos apontamentos a indicação da tribo a que pertencia o dono. Muito provavelmente seria zimba, pois é esta a tribo dominante naquela região.

(1) Nem sempre é fácil, e muitas vezes é até bastante difícil, distinguir com segurança certas particularidades das línguas indígenas de Moçambique.

No caso presente hesitámos em escrever *pango* ou *panco*.

Umaz vezes pareceu-nos ouvir um *g* nítido, outras vezes um *g* tão brando que mais parecia um *c*.

(2) Habitualmente classificam-se os instrumentos musicais em idiofones, aerofones, membranofones e cordofones, consoante o mecanismo de produção das vibrações. Os instrumentos de corda são conhecidos pela designação geral de «cordofones». Vide, por exemplo, Robert Lowie, *Manuel d'Anthropologie culturelle*, Paris, 1936, pp. 227 e 228.

(3) O Alto Molocué é a maior circunscrição do distrito administrativo da Zambézia e tem uma área de 19 250 km<sup>2</sup>.

É limitada a norte pelo rio Ligonha, que a separa das circunscrições de Malema, Ribaué, Nampula (concelho) e Mogovolas; a leste, por Mogovolas e Pebane; a sul, em parte pela circunscrição de Pebane e pela do Ile; a oeste, em

parte por esta última e pela circunscrição do Gurué. A tribo dominante na circunscrição é a Lómuè, se bem que nela também se encontrem sobretudo M'pamelas, Tacuanes e Cherimas.

(4) A tribo cherima constitui um grupo etnológico que vive actualmente além-Nampula, sobretudo nas circunscrições de Malema e Alto Molocué.

Há quem lhe negue a categoria de verdadeira tribo, para a considerar apenas subtribo dos Macuas.

Parece que pode atribuir-se-lhe a categoria tribal por alguns aspectos da sua etnografia e até das lendas respeitantes à sua origem.

Soares de Castro conta esta lenda no livro que publicou sobre estes indígenas, intitulado *Os Achirimas — Ensaio Etnográfico*: «O primeiro homem cherima teria sido gerado nas entranhas da terra ardente e rochosa dos montes Namúll, vivendo sózinho naquelas serranias. Por interferência dum lépido coelhinho veio a noivar com uma gentil macaca, dando assim origem à actual tribo dos Cherimas. A tribo cresceu e multiplicou-se «nas vertentes de Namúll», donde foram mais tarde acossados e dispersos por hor-



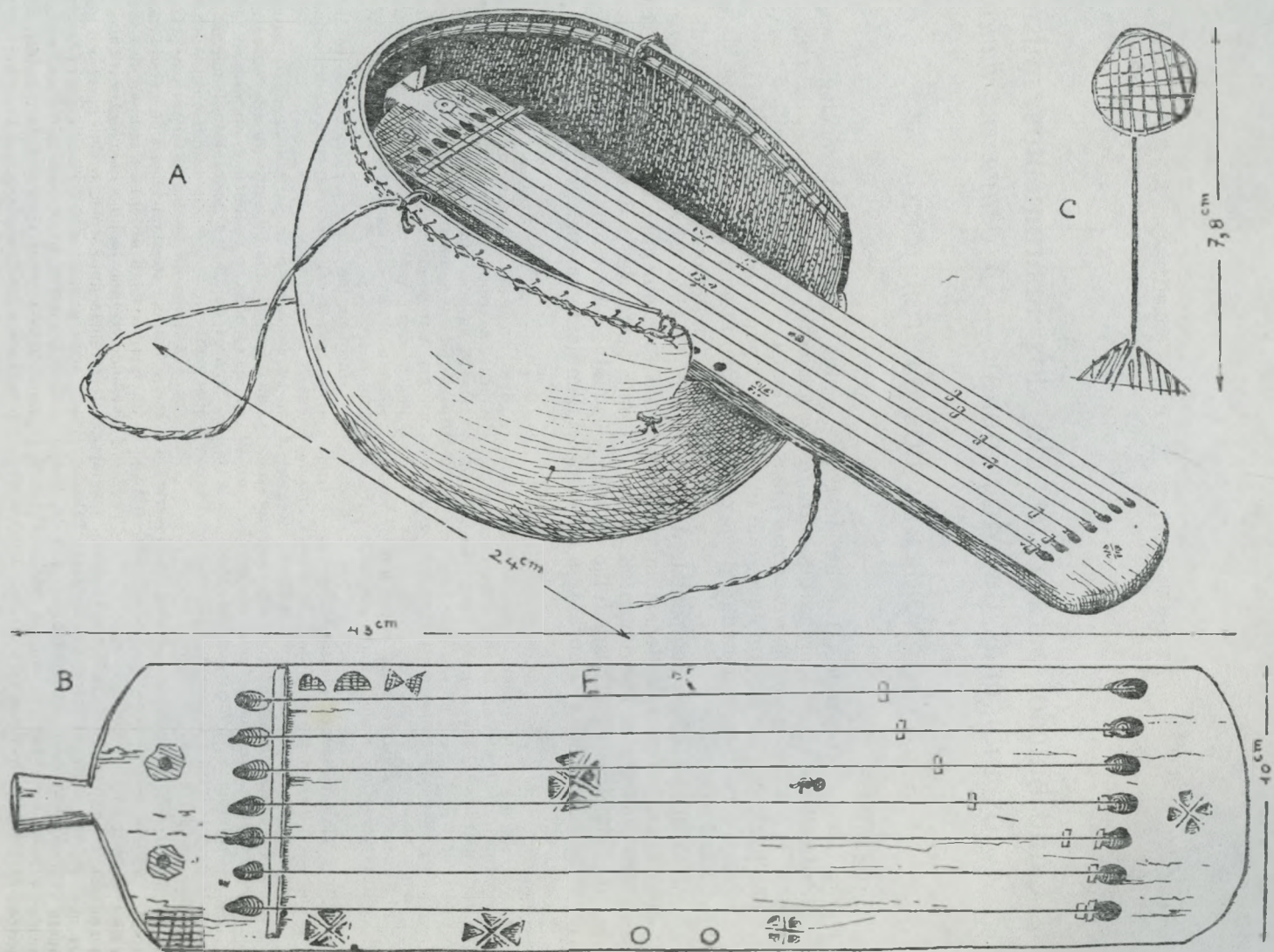


Fig. 1 — *Panco* ou *pango*, instrumento de corda adquirido no Alto Molocué (Moçambique): A — *Panco*; B — tábua encordoada com enfeites abertos à faca; C — enfeite entalhado na face posterior da tábua encordoada.



## DESCRICÃO DOS INSTRUMENTOS

*PANCO do Alto Molocué*

Trata-se de um instrumento de corda ou cordofone, constituído por sete cordas de arame, estendidas ao longo de uma tábua rectangular e nela incorporadas.

A tábua tem numa das extremidades um espigão que se introduz num vazado da cabaça que forma o ressoador do instrumento.

Ao espigão amarra um cordel forte, que, depois de abraçar a cabaça pelo fundo, vai fixar-se a um orifício da tábua encordoada. Desta forma, tábua e cabaça constituem um todo unitário.

As cordas são constituídas por um fio de aço contínuo, que vai de um orifício ao correspondente e oposto do outro extremo da tábua; ali passa por baixo ao orifício vizinho; deste ao correspondente do lado oposto, e assim sucessivamente.

Ao longo dos orifícios da extremidade fixa ao vazado da cabaça há uma tira de

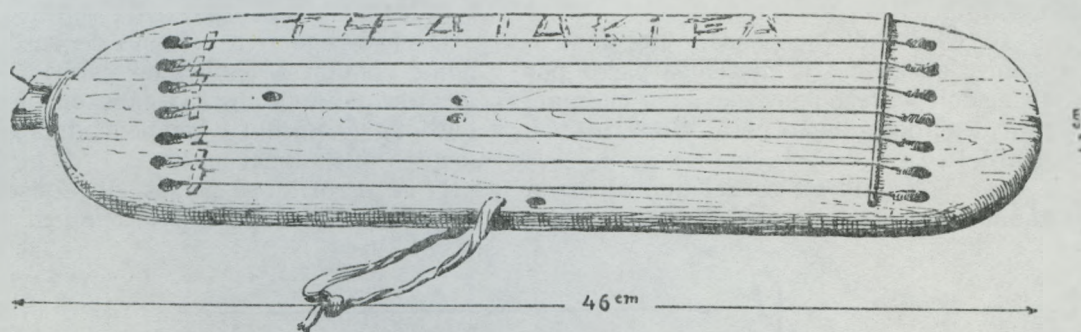


Fig. 2 — *Panco* ou *pango*, instrumento de corda adquirido no regulado Bene (Macanga)

bambu que forma um cavalete fixo, por cima do qual passam as cordas.

A uma distância maior ou menor dos orifícios da outra extremidade há pequenos cavaletes móveis subjacentes a cada uma das cordas. A aproximação ou afas-

tamento destes cavaletes proporciona a maior ou menor tensão das cordas e, conseqüentemente, a afinação das mesmas.

Sempre que possível, procurávamos registar os nomes indígenas de cada uma das partes ou peças dos instrumentos. Tarefa um tanto difícil para quem, como

das de Macuangarras (homens que vestiam peles) vindos do norte, em busca de marfim e escravos».

Actualmente os Cherimas vivem em contacto sobretudo com Macuas, Lómuês, Alauas e Nhanjas.

Pode fazer-se o reparo de chamarmos «Cherimas» aos indígenas a que Adélno Joaquim Pereira chamou «Achirimas», e sobre os quais, com o pseudónimo de «Soares de Castro», escreveu um trabalho que intitulou *Os Achirimas—Ensaio Etnográfico*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1941, 89 pp. e 15 figs.

Parece-nos que o melhor chamamento será «Cherimas». Vejamos.

Um indivíduo da tribo é designado na respectiva língua por *M'cherima* ou *M'chirima*; apor-

tuguesando, temos «cherima» ou «chirima». A primeira forma, supomo-la a mais corrente. Dois ou mais indivíduos são designados pela palavra *acherima* ou *achirima*, antepondo o prefixo *a*, próprio do plural de muitas linguas bantas.

Parece, pois, que em português devemos dizer «cherima» no singular e «cherimas» no plural.

Se dissermos «um cherima» e «dois acherimas», poderá parecer que são coisas diferentes. Mais ainda: «acherimas» é palavra com dois plurais.

Também poderia dizer-se, e parece que há quem diga e escreva, «dois acherima», forma que também não é de segulr.



nós, não tenha conhecimentos suficientes da língua respectiva.

Eis o que pudemos averiguar:

A caixa de ressonância, feita, como dissemos, de uma porção de cabaça, chamam *écahe* (*h* aspirado). Este nome é o da designação geral de cabaça.

A tábua encordoada chamam *ampila*. Esta designação parece corresponder ao nome dado à madeira e à respectiva árvore, que noutras regiões pronunciam nitidamente *ambila*. No falar dos indígenas de Moçambique, muitas vezes, é difícil distinguir com segurança o *p* do *b*.

Ao cordel de suspensão do instrumento, que como já dissemos passa por trás do pescoço do tocador, chamam *mucoi*. É designação geral de «fio» ou «cordel».

Mas já ao fio ou cordel que ajusta a tábua encordoada à cabaça, formando o

conjunto um todo unitário, chamavam *murripué*. Não conseguimos apurar o significado preciso deste vocábulo.

As cordas são designadas pelo nome de *uaia*.

Os cavaletes subjacentes às cordas, quer o grande e fixo de um dos extremos da tábua encordoada, quer os móveis e pequenos do extremo oposto, são designados *osseréria*. Esta palavra parece corresponder ao verbo português «calçar» ou «pôr calços».

Aos buracos onde passam as cordas chamam *muite* ou, talvez melhor, *muíte*; designação geral de «buraco».

O ruge-ruge tem o nome de *enságua*, nome comum à cabacinha esférica e à árvore que a produz. O cabo ou pau do *enságua* é *mutala* e as pedrinhas e sementes que rugem *maluco*.

O Sr. Prof. José Neves, do Conservatório de Música do Porto, a quem mos-

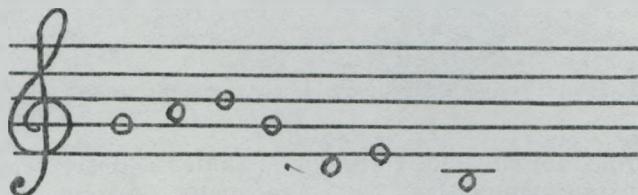


Fig. 3 — Afinação do *panco* do Alto Molocué

trámos este instrumento, deu dele a afinação que vai indicada na fig. 3, que corresponde à afinação <sup>(1)</sup> que o instrumento tinha na altura da sua observação. Os indígenas afinam o *panco* de vez em quando.

A tábua que suporta as cordas pode, até certo ponto, considerar-se homóloga do braço da guitarra e de instrumentos similares <sup>(1)</sup>.

(1) O Sr. P.<sup>o</sup> Valente de Matos, missionário católico em Moçambique, no trabalho intitulado «Os Chirimas e a Música», publicado na revista popular missionária *O Missionário Católico*, ano XXXII, n.<sup>o</sup> 26, de Fevereiro de 1956, Cucujães, 1956, pp. 62 a 66, descreve e dá um desenho esquemático do *panco* ou *pankwe* a que chama «a guitarra macua».

O espigão da mesma, a que já fizemos referência, mete-se numa janela rectangular aberta no bojo da cabaça que serve de ressoador. No lado oposto a esta janela, ou vazado, a cabaça tem um largo entalhe para receber a tábua encordoada, que pousa no seu bordo.

A cabaça apresenta no rebordo superior-interno um reforço constituído por uma tira de bambu estreitamente cosida por fios de fibra de casca de árvore.

Há ainda a considerar um cordel preso aos bordos da cabaça e que serve para suspender o instrumento. Este cordel passa por trás do pescoço do tocador, como pode ver-se nas fotos 1 e 2.

Como nota final da descrição do instrumento diremos que a tábua encordoada



da apresenta vários sinais abertos à ponta de navalha, a saber: sete cruciformes, uma espécie de ampulheta, dois crescentes, um sinal em xadrez e um E, como mostra o desenho B da fig. 1.

Na face inferior da mesma tábua encordoada há gravado o sinal reproduzido no desenho C da mesma figura.

Como se toca este *panco*?

Como as fotos 1 e 2 bem mostram, o tocador passa por trás do pescoço o cordel fixo aos bordos da cabaça e aplica de encontro ao ventre a extremidade boleada da tábua encordoada.

Desta forma, o instrumento fica relativamente firme e a tábua ligeiramente empinada.

Esta firmeza aumenta à custa da mão esquerda, que, metida na boca da cabaça e encostada pelo dorso ao bordo da mesma, segura a tábua metendo por baixo dela os dedos mínimo e anular. Os outros três dedos da mão esquerda ficam livres para poderem como que pontuar, como se vê na foto 2. A sua acção não é, porém, a de pontuar, mas antes a de amortecer ou parar a vibração das cordas, a que as pontas dos dedos se encostam suavemente. O instrumento é tocado só com um dedo, o indicador da mão direita. Esta segura ao mesmo tempo um ruge-ruge denominado *ensáqua*.

Este é formado por uma cabacinha esferoidal enfiada num pauzinho e tendo no seu interior algumas pequenas sementes ou pedrinhas. O *ensáqua* é seguro pelo polegar de encontro à palma da mão.

Os três dedos, mínimo, anular e médio, da mão direita, mais ou menos flectidos de encontro à palma da mão, reforçam a preensão do *ensáqua*.

#### *PANGO do Bene*

Na 6.ª campanha da Missão Antropológica de Moçambique, em consequência de uma avaria no caminhão que nos prestava serviço, ficámos uns dias retidos no regulado Bene, à espera de um

carro de socorro. Aquela permanência forçada deu-nos ensejo de contactar com os indígenas e de adquirir várias peças gentílicas, entre elas o instrumento musical que vai desenhado na fig. 2.

O regulado Bene fica na margem esquerda do rio Capoché, circunscrito da Macanga, na estrada que vem da Chipera para o Furancungo. A tribo ali dominante é a zimba.

O *pango* (1) ali adquirido difere do anterior por não ter caixa de ressonância. O instrumento está reduzido à tábua encordoada, ao longo da qual correm também sete cordas com os mesmos cavaletes, dos quais os pequenos servem para a afinação do instrumento.

Do mesmo modo, também aqui as cordas são constituídas por fio de aço contínuo, que passa pelos buracos das extremidades da tábua de modo inteiramente semelhante ao que vimos no *panco* do Alto Molocué.

Com o transporte estorrou a corda, que teve de ser emendada. Isto inutilizou a afinação do instrumento.

O desenho da fig. 2 dispensa mais pormenores de descrição.

Registaremos apenas a existência do nome THAIKIFA entalhado à ponta de navalha, que deve ser marca de propriedade e corresponder ao nome do respectivo dono.

O tocador, sentado, enfia a mão esquerda pelo cordel em argola preso ao bordo do instrumento, que desta forma fica seguro ao punho. A mão esquerda espalmada leva os dedos a tocar levemente as cordas para amortecer as respectivas vibrações.

A mão direita mantém os dedos mínimo, anelar e médio flectidos de encontro à palma da mão, e o polegar sobre o ex-

(1) No Bene ouvimos nitidamente o *g* de *pango* e no Alto Molocué pareceu-nos ouvir *panco*. Sabe-se quão difícil é, muitas vezes, apurar com segurança pequenas diferenças de pronúncia. A impressão que nos ficou foi de que num sítio lhe chamavam *pango* e no outro *panco*.



tremo do dedo médio. Só fica livre o indicador, com o qual faz vibrar convenientemente as cordas do instrumento. Neste caso o tocador não tinha o rugeruge ou *ensáqua*.

### CONCLUSÕES

Em trabalho anterior <sup>(1)</sup> escrevemos: «O homem preto é dotado de capacidade estética inata. Isto tem sido posto em realce por muitos autores, sobretudo nos últimos trinta ou quarenta anos. O Negro tem uma sensibilidade de ritmo que pode designar-se estruturalmente africana, mas que não é isenta de beleza, de certo mérito artístico e, há que confessá-lo, por vezes de grande originalidade. Parece mesmo poder afirmar-se que, por via de regra, o Preto é mais bem dotado para as manifestações musicais e coreográficas do que o homem branco médio».

A apreçoada sensibilidade musical das raças negras africanas deve ser causa determinante do grande gosto que têm pela música e da grande variedade de instrumentos musicais, idiofones, aerofones, membranofones e cordofones, que se encontram com muita frequência em todas, ou quase todas, as tribos moçambicanas estudadas pela Missão Antropológica de Moçambique e de um modo geral nos povos africanos de origem banta.

No seu *Manual de Antropologia Cultural*, o Prof. Robert Lowie <sup>(2)</sup>, a pp. 230, em nota de fundo da página, num pequeno capítulo em que trata da distribuição dos instrumentos de música nas diferen-

tes raças, diz que os negros africanos ultrapassam em muito, e indiscutivelmente, todos os outros grupos primitivos. Cita o exemplo dos reis da Uganda e de outras regiões, que possuíam e mantinham verdadeiras orquestras.

Dos muitos instrumentos de vários tipos usados pelos pretos de Moçambique, há uns mais frequentes do que outros.

A *chitata*, idiofone formado por uma série de lamelas de madeira ou de metal fixas a uma tábua e assentes sobre um cavalete, é talvez o instrumento mais corrente de norte a sul de Moçambique.

Outros instrumentos encontram-se menos frequentemente e são mais localizados, isto é, têm uma área de distribuição relativamente restrita.

Assim sucede com o *panco*, que não vimos a sul do rio Save, embora seja de admitir a sua existência esporádica ao sul deste grande rio, sobretudo em consequência da fácil migração dos indígenas para serviços agrícolas ou de outra natureza.

Ao sul do Save o instrumento que vimos mais vezes foi o *chitende*, de que adquirimos alguns exemplares e do qual nos ocuparemos em próxima oportunidade.

Um trabalho que seria conveniente fazer, e que teria grande interesse etnológico, era a elaboração de uma carta de Moçambique com as regiões de predomínio de determinados instrumentos, convenientemente escolhidos entre o grande número daqueles que vimos nas várias campanhas da Missão Antropológica de Moçambique em que tomámos parte. Depois de escolhido o instrumento mais corrente na tribo, teríamos a carta dos instrumentos musicais característicos.

Supomos que o *panco* será precisamente um instrumento desta categoria.

Porto, 30 de Julho de 1958.

(1) Norberto Santos Júnior: «Algumas Canções Indígenas de Marracuene (Moçambique)», in revista *Garcia de Orta*, vol. V, n.º 2, Lisboa, 1957, pp. 327 a 343.

(2) Robert Lowie, *Manuel d'Anthropologie Culturelle*, Paris, 1936, 390 pp., 37 ests.



## RÉSUMÉ

La Mission Anthropologique et Ethnographique du Mozambique s'est occupée, aussi souvent que possible, de l'étude de la musique indigène et elle a acquis des instruments musicaux et fait des enregistrements de musiques et de chants au moyen d'un appareil enregistreur.

Nous avons pu recueillir des éléments qui nous ont permis d'écrire quelques travaux, l'un, «Algumas Canções Indígenas de Marracuene (Moçambique)», publié dans la revue *Garcia de Orta*, vol. V, n° 2, Lisboa, 1957, pp. 327 à 343, l'autre, «A Chitata», publié aussi dans la même revue.

Les présentes notes s'occupent d'un instrument à cordes ou cordophone appelé *panco* ou *pango*.

Comme on peut très bien observer sur les figures qui accompagnent ce texte, il est formé par sept cordes en fil d'acier tendues le long d'une planche rectangulaire qui présente à chaque bout une série de trous par où passent les cordes.

Le fil d'acier, en une seule pièce, va d'un trou à celui qui lui est opposé à l'autre bout de la planche, puis il passe dans le trou voisin par la partie inférieure de la planche; de là il va de nouveau au trou opposé, il passe au trou voisin et ainsi de suite.

Le long des trous d'un des côtés se trouve une planchette qui sert de chevalet fixe et par dessus lequel passent les cordes.

A une distance plus ou moins grande des trous de l'autre bout de la planche se trouvent de petits chevalets mobiles, placés sous chaque corde. En déplaçant ces chevalets mobiles on modifie la tension des cordes et par conséquent leur ton.

Les *pancos* de la fig. 1 et des photos 1 à 5 possèdent une planche encordée ajustée au moyen d'une ficelle à la partie plus large d'unealebasse qui forme ainsi une caisse de résonance.

Le *panco* de la fig. 2 n'a pas de caisse de résonance et se joue, en outre, d'une façon différente.

On l'entoure avec le poing gauche et le musicien joue assis. L'autre, comme le montrent les photos 1 et 2, se suspend au cou par une cordelette fixée aux bords de laalebasse.

On le joue de la façon suivante: l'indicateur de la main droite touche les cordes, les autres doigts restent repliés contre la paume; les doigts de la main gauche touchent légèrement les cordes pour arrêter leur vibration. Ils jouent ainsi le rôle d'amortisseurs.

Parfois, comme le montre la photo 2, les musiciens tiennent dans leur main droite une sorte de ruge-ruge (?) que, dans la région où nous l'avons vu, on appelle *ensagua*.

Dans un travail précédent nous avons écrit: «Le Nègre est doué de dons esthétiques innés. Cela a été mis en relief par de nombreux auteurs, surtout pendant les dernières 30 ou 40 années. Le Nègre possède un sens du rythme que l'on peut appeler structurellement africain mais qui n'est pas dépourvu de beauté, ni d'un certain mérite artistique et, il faut l'avouer, qui possède souvent une grande originalité. On peut même affirmer, peut-être, qu'en général le Nègre est mieux doué pour les manifestations musicales ou chorégraphiques que l'homme blanc moyen.»

La tant vantée sensibilité musicale des races nègres doit être à l'origine de leur goût si prononcé pour la musique et la si grande variété d'instruments musicaux, idiophones, aérophones, membranophones et cordophones, qu'on trouve si fréquemment dans toutes ou presque toutes les tribus du Mozambique et d'une façon générale chez tous les peuples africains d'origine «bantas».

Parmi les très nombreux instruments de types divers employés par les Nègres il y en a qui sont plus fréquents que les autres.

La *chitata*, idiophone formé par une série de petites lames en bois ou en métal fixées à une planche et pesées sur un chevalet, est peut-être l'instrument le plus répandu du Nord au Sud du Mozambique.

D'autres instruments se trouvent moins fréquemment et souvent seulement dans quelques régions, c'est à dire, ils sont répandus sur une surface plus limitée.

C'est ce qui se passe avec le *panco* que nous n'avons pas trouvé au sud du fleuve Save, quoiqu'on puisse admettre qu'il puisse exister d'une façon sporadique au sud de ce grand fleuve, vue surtout la grande facilité de migration des indigènes pour les travaux agricoles ou autres.

Au sud du Save l'instrument que nous avons vu le plus souvent est la *chitata*, dont nous avons fait l'acquisition de quelques exemplaires et dont nous nous occuperons une prochaine fois.

Il serait très intéressant, du point de vue ethnologique, d'établir une carte du Mozambique marquant les régions où dominent certains instruments musicaux, convenablement choisis parmi le grand nombre que nous avons vu pendant les différentes campagnes de la Mission Anthropologique du Mozambique auxquelles nous avons pris part.

Après avoir repéré l'instrument le plus employé par chaque tribu nous aurions la carte des instruments caractéristiques.

Nous croyons que le *panco* peut se ranger dans cette catégorie.



## ABSTRACT

The Anthropological and Ethnological Mission of Moçambique, whenever possible, has studied the indigenous music, acquiring musical instruments and recording tunes and songs by means of a tape-recorder.

We could thus collect data which have already enabled us to produce the work «Some native songs from Marracuene (Moçambique)», published in the magazine *Garcia de Orta*, vol. V, n° 2, Lisbon, 1957, pages 327 to 343, and the work «A Chitata», being now published in the same magazine.

In this note we shall deal with a stringed instrument or «cordophone» called *panco* or *pango*.

As clearly shown by the pictures, it is composed of seven wire strings (steel wire) stretched out along a rectangular wooden board with a series of holes at each end through which the strings pass.

The uninterrupted steel wire goes from one hole to the opposite corresponding one at the other end of the board; there it passes underneath to the next hole. From this to the corresponding one at the opposite end and so on in succession.

Spanning the holes at one end there is a strip of wood which forms a fixed bridge on which the strings lie.

At a longer or shorter distance from the holes at the other end there are small movable bridges subjacent to each string. Reducing or increasing the distance between these bridges we cause a higher or lower tension on the strings, and consequently their tuning up.

The *pancos* in fig. 1 and photos 1 to 5, have the stringed board joined by a thin rope to the big-bellied portion of a gourd which stands as a resonance box.

The *pango* in fig. 2 has no resonance box and differs also in the manner it is played. The latter is used on the left wrist and the player remains sitting while performing. The former, as clearly shown by photos 1 and 2, hangs from the neck by means of a thin rope fixed to the edges of the gourd.

The performance is done like this: only the right forefinger plays upon the strings, the remaining fingers being kept folded against the palm; the fingers of the left hand touch the strings lightly, stopping their vibrations. Thus they act like mutes.

In some cases, as shown in photo 2, with their right hand they may hold a kind of rustler, which, in the region we saw it, was called *ensagua*.

In a former work we wrote: «The Negro is endowed with an innate aesthetic capacity. This has been pointed out by many an author, especially in the last thirty or forty years. The Negro possesses a sense of rhythm which we can consider as structurally African, but which is in no way deprived of beauty, of a certain artistic value and, we must confess, of great originality at times. It seems that we can even assert that as a rule the Negro is better gifted to musical and choreographic displays than the average white man».

The much spoken of musical sense of the African negro races must be the determining cause of their great love for music and of the great variety of musical instruments, «ideophones», «airphones», «membranophones» and «chordophones», frequently found in all, or almost all, Moçambique tribes studied by the Moçambique Anthropological Mission, and, as a rule, in the African peoples of bantu origin.

Of the numberless instruments of several types used by the negroes in Moçambique some are more frequent than others.

The *chitata*, an «ideophone» composed of a series of wooden or metal bars fixed to a board and standing on a frame, is perhaps the most common instrument from north to south of Moçambique.

Other instruments are not so frequently found and are more localized, that is, they are more or less restricted to a particular place.

Such is the case of the *panco*, which we were not able to find south of the river Save, although it may sporadically appear to the south of this large river, mainly on account of the easy migration of the natives for farming or any other labours.

South of the Save the instrument most often seen by us was the *chitende*, of which we acquired some specimens which shall be dealt with next time.

A very useful work to be done and of great ethnological interest would be the elaboration of a Moçambique chart showing the regions where there is a predominance of certain instruments conveniently selected from among the large number of those seen by us during the several campaigns of the Anthropological Mission we took part in. Once the instrument most commonly used in the tribe selected, we should have the chart of the characteristic musical instruments.

We suppose *panco* to be an instrument just of this category.